UnB

Programa de Pós-Graduação em Literatura

grupo de estudos em *literatura brasileira contemporânea*

LITERATURA E RESISTÊNCIA

NEM TUDO É SILÊNCIO NA PERIFERIA

ANDERSON DE FIGUEIREDO MATIAS

DOUTORANDO EM LITERATURA/UNB

ORIENTADOR: PROF. DOUTOR ANDERSON LUIS NUNES DA MATA

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a representação da periferia como um lugar de luta e resistência, contrariando a visão estereotipada que associa esse espaço à degradação e à miséria, registro normalmente reforçado pelos noticiários e pela escrita hegemônica. Para isso, foi analisado o romance Nem tudo é silêncio (2010), obra em que Sonia Regina Bischain apresenta, por meio da narradora Ritinha, uma militante moradora da periferia de São Paulo, histórias que se entrecruzam e que permitem contar pela perspectiva dos oprimidos fatos da recente história brasileira, como a ditadura militar.

Palavras-chave: resistência, ditadura militar, periferia, literatura brasileira contemporânea, Sonia Regina Bischain

INTRODUÇÃO

As periferias, historicamente vitimadas pela violência do Estado, sempre foram excluídas, não somente em relação a aspectos básicos de infraestrutura, mas também no que se refere à vida cultural das cidades. No entanto, a atual conjuntura desses espaços tem mostrado novas perspectivas. Em áreas periféricas de metrópoles brasileiras, desde os anos 2000, tem ocorrido uma intensa movimentação que, apesar das condições precárias e da falta de apoio do poder público, promove eventos artísticos com relevante significado político e social na medida em que, por meio da arte, resgatam cidadania, fortalecem autoestima, criam canais democráticos de expressão, favorecem redes de sociabilidade e colaboram para desconstruir a representação preconceituosa, estereotipada e desumanizadora na qual essas áreas e seus habitantes foram historicamente limitados. É nesse contexto que se situa a produção de Sonia Regina Bischain, designer, fotógrafa e escritora ligada ao Sarau Poesia na Brasa, que acontece na comunidade de Brasilândia, zona norte paulista.

OBJETIVOS

Analisar a representação da periferia no romance Nem tudo é silêncio, de Sonia Regina Bischain, para entender de que forma realizações estéticas, produzidas por sujeitos periféricos, são capazes de provocar fissuras no imaginário e introduzir novas perspectivas.

METODOLOGIA

Em 2002, Alfredo Bosi publicou Literatura e resistência, livro no qual demonstra conceitualmente a presença de tensões na ficção e motiva o leitor a observar como elas aparecem no sistema literário brasileiro. Apesar dos méritos, a obra se limita a pensar literatura e resistência a partir do canône, excluindo, principalmente, a literatura brasileira contemporânea produzida na periferia.

Por essa razão, este estudo pretende ir além do que Alfredo Bosi considerou acerca da potencialidade de escrita dos excluídos, vista apenas como um exercício de educação para a cidadania. A ideia é discutir a relevância dessa produção como possibilidade de acesso à palavra por grupos sociais subalternos e o reconhecimento deles como sujeitos/autores do processo simbólico, analisando o caso de uma escritora que retrata a periferia a partir da própria periferia e tem na literatura uma forma de resistência. Para tanto, foram consideradas as reflexões de James C. Scott, em Exploração normal, resistência normal (2011), de Regina Dalcastagnè, em Literatura brasileira contemporânea: um território contestado (2012), de Luis Felipe Miguel, em Violência e política (2015), e de Diana Klinger, em Literatura e ética – da forma para a força (2014).

CONCLUSÃO

Em Nem tudo é silêncio, as memórias de Ritinha retomam a relação com os familiares e com a vizinhança, assim como fatos da própria vida, entre eles as dificuldades do primeiro emprego, conseguido em uma empresa racista, as vivências com os amigos e o casamento com Henrique, um jovem militante preso pela ditadura. Contam também ações que, em comunidade, configuram atos de resistência, como as campanhas realizadas pelos próprios moradores para arrecadar roupas e mantimentos para o pessoal da favela, a organização de um comissão que se reúne para discutir soluções para problemas da comunidade e as festas promovidas para angariar fundos para operários em greve. Além disso, é por meio dessas memórias que se retrata a reação dos moradores a fatos históricos, como a renúncia do presidente Jânio Quadros e o regime militar no Brasil.

E é justamente essa uma possibilidade de leitura da obra: as heranças do golpe de 1964. Passaram-se décadas, mas as marcas desse período sombrio da recente história brasileira permanecem. Instituições como o judiciário, a polícia e a imprensa continuam incapazes de atender aos anseios da democracia, já que não representam os interesses da população e constituem peças importantes para a preservação das elites no poder. A violência promovida pela polícia é também resquício da repressão das forças militares durante a ditadura. Assim, as vítimas hoje desse tipo de violência, institucionalizada pelo Estado, em grande maioria pobres, camponeses e moradores das periferias, continuam a desaparecer ou serem silenciadas. Há outras faces dessa herança, outras violências estruturais, costumeiramente ignoradas, que podem ser reveladas pela literatura. Nesse sentido, Nem tudo é silêncio é uma narrativa singular. Não se trata de um depoimento, intermediado por um intelectual, que representa o outro a partir do imaginário construído pela tradição, mas sim de uma realização estética na qual o oprimido, sujeito/autor do processo simbólico, é capaz de, em um movimento de renovação literária, questionar os critérios de legitimação estabelecidos pelo cânone, apresentar novas perspectivas e, por meio da força expressiva e questionadora da literatura, resistir ao domínio da ideologia vigente.

REFERÊNCIAS

BISCHAIN, Sonia Regina. Nem tudo é silêncio. São Paulo: Coletivo Cultural Poesia na Brasa, 2010.

BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012.

KLINGER, Diana. Literatura e ética – da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe. Violência e política. Revista Brasileira de Ciências Sociais n. 88. São Paulo, 2015, p. 29-44. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v30n88/0102-6909-rbcsoc-30-88-0029.pdf, acesso em 21/05/2017.